

EXPERIÊNCIA DE RESISTÊNCIA E PRODUÇÃO AGROECOLÓGICA DO GRUPO COLETIVO “14 DE AGOSTO” EM ARIQUEMES – RONDÔNIA

Área temática: Espaços rurais, agricultura e segurança alimentar.

Maria Estélia de Araújo

Titulação: mestranda - Instituição Unesp

Mariaestelia14deagosto@gmail.com

Resumo:

Este trabalho se propõe a estudar um grupo de famílias liderados pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST, que ocupa em agosto de 1992, um latifúndio próximo à BR 364, município de Ariquemes-RO. Com a intenção de viabilizar a geração de emprego, renda e produção de alimentos. Pelo fato de estarem ocupando terras restritas à políticos da região e grandes proprietários de terras, sem as condições reais de garantia da permanência no campo, como estradas, transportes, escolas, postos de saúde, assistência técnica e solo impróprio para o plantio, parte das famílias vivenciaram uma disputa acirradíssima durante 18 anos, até a vitória definitiva. Um período de lutas intensas e resistência, firmada em muitas raízes, toda uma história de vida, e os sonhos arquitetados ali. Construindo através dos fundamentos e princípios do MST, novas relações sociais, éticas, econômicas, políticas e pedagógicas. Em posse da terra as famílias provam a viabilidade da reforma agrária, plantando, colhendo e produzindo, garantindo desta forma sua subsistência. Desde o princípio da ocupação, discutiu-se a importância da produção, educação, e melhorias de forma geral. Tendo sempre em vista os limites do solo amazônico, as chuvas torrenciais levam a um processo erosivo muito rápido, e embora produza árvores frondosas, sua fertilidade é baixa e superficial, não sendo portanto, adequado para a agricultura convencional. Avançaram assim, nos debates sobre a cooperação agrícola passando por mutirões de trabalho nas lavouras. Envolvendo todas as pessoas, criando associações para organização e aquisição de infraestruturas necessárias, caminhando para formas de organização e produção mais complexas. Constituindo-se em um grupo coletivo que atualmente está composto por 10 famílias - 34 pessoas, que juntas conquistaram a posse coletiva das terras, coletivizaram as cozinhas e trabalham em diversos setores de produção como horta, farinheira, cultivo de frutas, produção de cereais e pequenos animais. Visando sempre as dimensões agroecológicas. Para além da produção cooperada se apresenta como um grupo informal, buscando se esquivar da hierarquia constituída em organizações burocráticas. Este grupo vem resistindo ao agronegócio oferecendo produtos livres de todo tipo de insumos químicos e agrotóxicos em feiras livres e entrega direta aos consumidores, com preços acessíveis, visando novas relações no comércio. Contrapondo às práticas capitalistas de concentração de terras, produção de monoculturas e a destruição da biodiversidade através do uso intensivo de agroquímicos, do controle das sementes, da produção de mercadorias que gera a insustentabilidade no campo e na cidade. Enfim, o Grupo Coletivo “14 de agosto” representa uma alternativa importante de resistência ao agronegócio e uma viabilidade na transição da agricultura convencional para a agroecologia, tanto no que diz respeito às técnicas de produção como na vivência coletiva, constituindo-se em formas eficazes de resistência no campo.

Palavras-chave: Agroecologia, MST, Produção, Sustentabilidade.

Introdução

As relações de produção se tornam cada vez mais complexas e excludentes, tendo em vista que a matriz tecnológica de produção agrária atende aos princípios do agronegócio fundamentados nos ideais do capitalismo.

Com o desenvolvimento da revolução verde no Brasil a agricultura camponesa perdeu espaço para a produção em grande escala, priorizando o monocultivo para exportação com técnicas destrutivas que agridem a natureza, poluindo, contaminando, causando uma série de problemas a saúde humana e aos biomas regionais, com isso, os camponeses deixam de fazer uso de seus conhecimentos tradicionais, ficam dependentes da ciência e da indústria e são submetidos aos centros urbanos. Pereira, 2012.

Segundo Stédile e Carvalho, 2010, há atualmente muitos problemas relacionados à miséria e fome em grande parte do planeta, ao mesmo tempo constata-se que nunca se produziu tantos alimentos devido ao conjunto de funções do modelo tecnológico de produção do agronegócio, esse modelo, e no entanto, tem custo altíssimo para populações camponesas indígenas e afrodescendentes com destaque. O que se tem feito para reverter isso é muito pouco diante do que está exposto, [...] e no máximo, agora, defendem políticas governamentais compensatórias, para que a fome e a desnutrição não se transformem em tragédias sociais ou conflitos políticos internacionais. Stédile e Carvalho, 2010.¹

O Brasil é o país que mais consome agrotóxicos no mundo, o que tem causado a morte de milhares de trabalhadores, e segundo Machado, 2014, 10,6 % são de trabalhadores e trabalhadoras envolvidos diretamente na agricultura, sendo que o número de suicídios no campo tem aumentado, causando disfunções hormonais, câncer, depressão, má formação de feto, contaminação do solo, a água e o ar.

Ao mesmo tempo aumentam as exigências dos consumidores, que buscam produtos mais saudáveis livres de contaminação química e produzidos sem agressão aos direitos sociais e ao meio ambiente, assim como aumenta a necessidade de se produzir comida livre de agroquímicos garantindo a soberania alimentar dos povos.

O Grupo Coletivo “14 de Agosto” guiado pela proposta de cooperação agrícola do MST, e através do resgate da agricultura camponesa, há mais de dez anos constituem-se em um coletivo formado por um grupo de dez famílias e se tornaram uma alternativa de reorganização do uso da posse da terra e produção de alimentos sem agrotóxicos. Caminhando na contramão do modelo agrário da região onde produção predominante é a criação de gado de corte, como em praticamente todo o estado, surgindo agora o plantio experimental de arroz e soja, já considerado em larga escala para a capacidade do solo desta região, onde acirram os problemas agrários.

Fundamentos da Agroecologia

Com a atual matriz tecnológica imposta no país, podemos dizer que ao longo dos anos houve uma perda das tradições camponesas, e uma política altamente irresponsável gerando a falta de comida para milhões de pessoas.

Essa matriz designada de agronegócio (agrobusiness) é uma reprodução do modelo europeu e, em um período de aproximadamente um século, reduziu a agricultura a uma técnica excludente e devastadora, e hoje o Brasil é considerado o maior consumidor de agrotóxicos, com a comercialização de 713 milhões de litros por ano, uma média de três litros por pessoa, seis mil litros por hectares cultivados (STEDILE, 2011).

Esses dados indicam que a população corre sérios riscos em relação à saúde, pois, os agrotóxicos utilizados no Brasil, alguns deles já proibidos em outros países, contaminam o solo, os recursos hídricos, eliminando espécies vegetais e animais na natureza. “A biodiversidade associada

¹João Pedro Stédile e Horácio Martins de Carvalho -*SOBERANIA ALIMENTAR: UMA NECESSIDADE DOS POVOS* - Setembro de 2010.

aos sistemas agrícolas já está sendo sensitivamente afetada pela intensificação da agricultura convencional”. Altieri, 2012, p.63.

Para o Grupo de Ciências Independente, 2004, o *Glifosato* causa de envenenamentos, abortos espontâneos, transtornos de neurocomportamento, lesões intestinais e quando em doses aplicadas frequentemente no campo, provoca mortalidade. O *Roundup* provoca alterações no processo de formação celular, ocasionando o câncer em seres humanos. Esses efeitos já seriam suficientes para que fosse realizada a suspensão desses herbicidas, no entanto, continuam circulando no país. E ainda [...] condenam os agricultores às monocultura, uma vez que herbicidas como o Roundup, são de amplo espectro e, assim sendo, eliminam toda a vegetação exceto a cultura transgênica. (Altieri, 2012, p.65)

Entre outros problemas está o endividamento dos camponeses que não conseguem uma produção eficiente fazendo uso desses produtos, e sim, a perda da produção devido ao enfraquecimento do solo e a falta de controle sobre pragas que surgem e se tornam resistentes aos herbicidas utilizados. Os alimentos produzidos pelo agronegócio estão chegando contaminados à população, desde o processo de cultivo até o sistema de preservação durante o transporte.

No que tange à qualidade dos produtos ofertados à população brasileira, cabe registrar que as sucessivas pesquisas feitas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária- ANVISA (www.anvisa.gov.br) do Ministério da Saúde, tem mostrado que muitos dos nossos alimentos contém não só resíduos de pesticidas (em relação ao uso permitido por lei) como também resíduos de agrotóxicos proibidos para determinados cultivos, o que ainda é pior. (Caporal, 2009, p. 44).

A situação do uso de agrotóxicos no Brasil é absolutamente insustentável e inaceitável, sendo necessário ser urgentemente revertida. “O Brasil não pode continuar sendo o maior consumidor de agrotóxicos do mundo. O modelo de desenvolvimento do agronegócio é dependente de fertilizantes e venenos agrícolas, sendo uma das formas de violência deste modelo com todas as formas de vida.” (CARTA POLÍTICA DA TERRA -III ENA – 2014).

Atualmente, o agronegócio vem obtendo proveito dos alimentos orgânicos, uma maneira de atender aos apelos de grupos interessados, considerando um novo “filão”, sem a preocupação com o bem estar e sim com os lucros obtidos, uma vez que os alimentos orgânicos são considerados *produtos de elite* pela burocracia encontrada pelos agricultores que enfrentam os complexos mecanismos de comercialização da cadeia alimentar. Caldas, 2011.

Esse modelo de agricultura que ameaça a vida se mantém da exploração dos recursos naturais e, acima de tudo, da exploração humana, gerando milhões de pessoas famintas e desnutridas sem acesso às calorias necessárias para sobrevivência, “A FAO acaba de anunciar que pela primeira vez na história da humanidade chegamos a um bilhão de pessoas que passam fome todos os dias” (STEDILE, 2011, p. 12).

O agronegócio mantém ainda domínio sobre as sementes, impedindo o direito de plantar e colher em sua forma natural. “Paradoxalmente nenhuma espécie de importância alimentar foi identificada ou domesticada nos últimos dois séculos, enquanto comunidades arcaicas mantiveram o domínio na domesticação de espécies silvestres o que vemos é a devastação do patrimônio acumulado pela engenharia de melhoramento genético”. (REVISTA AGRICULTURAS, 2014).

Mesmo com todos os investimentos na área da transgenia, não só o Brasil, mas muitos outros países sofrem com os problemas causados por esses produtos modificados artificialmente. Ainda segundo o Grupo de Ciências Independentes, 2004, a transgenia não trouxe os benefícios prometidos de aumentar a produtividade ou de reduzir a utilização de herbicidas e outros agrotóxicos, além do que houve gastos exorbitantes com subsídios agrícolas e perdas nas vendas e recolhimento de produtos devido à contaminação transgênica.

Desde 2000, as empresas de biotecnologia sofreram rápido declínio e os consultores de investimentos preveem que elas não terão futuro no setor agrícola. Enquanto isso, a resistência mundial aos transgênicos alcançou seu clímax em 2002 quando a Zâmbia, apesar da ameaça de fome no país, recusou o milho transgênico enviado como ajuda alimentar. (GRUPO DE CIÊNCIA INDEPENDENTE, 2004, p.15).

Atualmente inúmeros casos em todo mundo vem mostrando a ineficiência e perigo que esses produtos causam e enfim a confirmação, “os transgênicos são veneno” Machado, 2014 [...] O material sintético introduzido nos transgênicos se faz com métodos invasivos que são incontroláveis, pouco confiáveis, imprevisíveis e imprecisos. (MACHADO 2014, p.111)

O objetivo do agronegócio é produzir mercadoria, gerar lucro, logo não poderia estar preocupado com as pessoas e menos ainda com a natureza. Frente a isso a agroecologia vem ganhando reconhecimento nas últimas décadas, nos vários seguimentos da sociedade, por se tratar de uma alternativa para esses problemas de ordem ambiental, produtiva, social, política e cultural que vem enfrentando principalmente os povos do campo.

Hoje são muitos pesquisadores, movimentos sociais que se dedicam ao tema, assim como há vários grupos que vem experimentando esse fazer agroecológico na prática. Podemos considerar o Brasil um dos países que possuem um vasto campo de estudo e pesquisa.

Todavia, não poderíamos deixar de registrar as experiências realizadas em Cuba, que em pouco mais de uma década constituiu o movimento de camponês a camponês, investiram muito em suas pesquisas para o combate natural de pragas, foram a campo e hoje o número de famílias envolvidas cresceu consideravelmente, desenvolveram diversas técnicas que facilitam o trabalho e aumenta a produtividade, e se tornaram um exemplo a ser seguido pelo mundo como mostram os autores do livro *Revolução agroecológica - O movimento camponês a camponês* da Anap, em Cuba.

A agroecologia vem se reafirmando como território capaz de discutir uma nova matriz tecnológica, embora, como afirma Caporal, 2009, não podemos esperar que a agroecologia se resolva como uma panaceia, da mesma forma não confundir com um tipo de agricultura alternativa ou com tantas outras denominações equivocadas referentes à agroecologia, que por sua vez trata-se de um tema amplo e complexo.

Ao contrário do propagandeia o agronegócio sobre as técnicas “atrasadas” e ineficazes “a agroecologia dispõe dos conhecimentos para superar a monocultura e a quebra da biodiversidade, consequências inexoráveis do agronegócio” (Machado, 2014, p.37) e ainda sobre a produção de alimentos que dê conta de alimentar e ainda promover a dignidade dos povos “É possível através da agroecologia resgatar a cidadania dos pequenos, pode – se também produzir alimentos limpos em escala que a humanidade demanda (Machado, 2014, p.37)

A agroecologia exige mudança do ser humano, forma de pensar, agir e se relacionar com o próximo e com a natureza, uma nova cosmovisão, Boff, 2005, sendo assim, *trata-se de visão holística, sistêmica e não ilhada, compartimentada baseadas no paradigma cartesiano* (CAPORAL, 2009, p.17), busca fundamentar-se num processo de transformação social, assegura o desenvolvimento humano e sustentável-bioética.

As dimensões socioculturais, políticas, filosóficas, ecológicas educativas, históricas e técnicas se entrelaçam, influenciando-se. Há, portanto uma necessidade de estudá-las e compreendê-las e para isso há que se fazer uma abordagem inter, multi e transdisciplinar. Guzmán e Ottoman citado em Caporal, 2009.

Percebe-se então, essa necessidade cada vez maior de um retorno às raízes, um maior contato com o natural e acima de tudo uma legitimação dos saberes milenares, *saberes ancestrais*,

Altieri, 2012. Embora se encontre resistência por parte de alguns profissionais que insistem em não reconhecer os saberes que resistem ao longo da história, Caporal, 2009.

La agroecología há surgido como um enfoque nuevo al desarrollo agrícola, más sensible a las complejidades de las agriculturas locales, al ampliar los objetivos y criterios agrícolas, para abarcar propiedades de sustentabilidad, seguridad alimentaria, estabilidad biológica, conservación de los recursos y equidad, junto com el objetivo de uma mayor producción. (ALTIERI, apud VENTURINI E UGÓN, 2007, p.29).

A agroecologia, também conhecida como: agricultura ecológica, sustentável, orgânica, biodinâmica, natural, permacultura entre outros, surge como novo paradigma ligado à ética de solidariedade, uma nova filosofia de consumo, estilo de vivência, o jeito de se relacionar, ensinar e aprender, criar estratégias de desenvolvimento a fim de minimizar os impactos ambientais, romper com o individualismo que gera a concentração e as contradições sociais, redistribuir os meios de produção, promover uma nova matriz tecnológica.

Para um processo de transição do sistema convencional para a agroecologia é necessário se ter uma visão ecológica, criar mecanismos para favorecer o metabolismo entre as pessoas e a natureza Marx, 2005; reduzir insumos; produzir material orgânico; fazer uso das energias naturais; cadeias curtas de produção; acreditar na capacidade do outro; trocar práticas convencionais por alternativas; redesenhar os agrossistemas. Altieri 1999, 2012, Caporal, 2009, Primavesi.1980, Venturine e Ugon, 2007.

A agricultura orgânica perdurou por quatro mil anos e apenas há cem anos se transformou em uma agricultura capitalista moderna alicerçada no binômio agrotóxico para combater pragas e adubos químicos para produzir é um modelo europeu que se alastrou. (PRIMAVESI, 2012). “Así, los pequeños agricultores han creado y/o heredado sistemas complejos de agricultura que, durante siglos, los han ayudado a satisfacer sus necesidades de subsistencia” (NORGAARD e SIKOR,1999, P.103.)

No Brasil, quem primeiro chama a atenção dos estudiosos da área para a vida existente no solo é Ana Primavesi, (1980), e há uma quebra de paradigma, a partir disso, inicia-se um processo de redescoberta das formas naturais de defesa do solo com a adubação natural, rotação de culturas e sistemas de agroflorestas (safes).

Conforme Caporal, 2009, esta transição não será pacífica, as forças do capitalismo global resistem e continuarão resistindo para se manter. É preciso acima de tudo de conversão pessoal, admitir a importância, romper com os velhos hábitos, assumir atitude de mudanças. Todavia, [...] sabemos que não é uma tarefa simples ou fácil. Entretanto, necessária e inadiável [...] (MACHADO, 2014, p. 39).

Trajetória de territorialização da luta pela terra-Assentamento 14 de Agosto

No dia 14 de agosto de 1992 um grupo de aproximadamente 150 famílias sem-terra, oriundas de diversos municípios de Rondônia, ocuparam um latifúndio improdutivo na região de Ariquemes (norte de Rondônia). Considerado um momento de muita coragem e ousadia, pois ocuparam um território destinado aos senhores fazendeiros, que são as terras às margens da rodovia BR-364, localizada entre os municípios de Jaru, Ariquemes, Theobroma e Cacaúlândia.

Para a política de colonização existente no país, restaria a imposição para ocuparem lugares longínquos, com pouca ou nenhuma infraestrutura, como estradas para escoarem sua produção, cuidados médicos, escolas e outros necessários para o desenvolvimento no campo, porém, o MST rompe com esta política, ao ocupar as terras com condições reais para se desenvolverem com dignidade.

Esta disputa entre fazendeiro e *Sem-terra*, considerando a inoperância do INCRA, (Instituto Nacional de Reforma Agrária) se tornaria acirradíssima e realmente foi assim que sucederam os dezoito anos até a conquista propriamente dita. Durante este período as famílias enfrentaram a pistolagem e as muitas ordens de despejo.

O despejo aconteceu em maio de 1993, e durou longos 59 dias. O despejo foi violento, pois, os policiais espancaram várias pessoas, atearam fogo aos barracos, causando uma situação de pânico e revolta. Prática comum utilizada para coibir os Trabalhadores Rurais Sem Terra neste período. Então aqueles homens e mulheres, jovens, crianças experimentaram na “pele” a fúria de um latifúndio até então intocável.

As famílias foram levadas para o pátio do INCRA, no município de Jaru, onde enfrentaram diversos problemas: de convivência com pessoas que não faziam parte do cotidiano de cada um até o momento de se juntarem para lutar por um pedaço de terra; problemas relacionados à escassez de alimentos, principalmente.

Mas os trabalhadores e trabalhadoras procuravam encaminhar suas demandas. Comissões organizadas eram criadas para tentar resolver a questão, o sonho de voltar para a terra, colher as lavouras que estavam prestes a se perderem, davam forças para seguirem lutando, toda a organização constituída ao ocuparem a terra, funcionavam agora também, equipes de alimentação, segurança, saúde, educação e formação, inclusive a escola funcionou normalmente, em uma sala improvisada, cedida pela extinta SUCAM (Superintendência de Campanhas de Saúde Pública), próximo ao pátio do INCRA, vivenciou-se, então a experiência da escola *itinerante* com apoio institucional, que anos mais tarde, por ser uma necessidade geral das famílias, se tornaria uma prática do MST.

A luta por escola esteve presente desde os primeiros momentos de discussões dos acampados. As aulas no acampamento seria uma condição básica para a permanência das famílias. Pode-se dizer que a escola passou por muitos momentos de lutas e resistências, e por ser uma compreensão do MST, a escola se torna ferramenta fundamental de formação pessoal e coletiva para o desenvolvimento nos aspectos técnicos, político-sociais, culturais e filosóficos.

As mulheres tiveram sempre papéis significativos, seja pela participação nesta luta, ou pelo trabalho importante que realizam no dia a dia. Obtiveram conquistas políticas importantes, sendo que as conquistas de superação e formação pessoal foram fundamentais para continuidade da luta por direitos sociais para homens e mulheres.

A reocupação da área aconteceu no final do mês de julho de 1993, sendo possível colher o feijão que os trabalhadores haviam plantados, motivos de alegria geral e certeza de vitória. Assim que chegaram à área pela primeira vez, iniciou-se o processo de produção. Foram feitas derrubadas da floresta com machados em forma de mutirão, com todos que estavam aptos para aquele trabalho, e no momento do plantio e da colheita os mutirões eram com praticamente todos.

As discussões sobre a organização da produção também já estavam presentes e aos poucos as pessoas iam se definindo sobre a forma de moradia, o que e como produzir. Conhecendo a morosidade do INCRA, foi proposto por lideranças do MST fazerem a demarcação por “conta própria”, e começar os plantios perenes, organizar uns barracos melhores, criar galinhas, porcos, e desta forma ir criando *raízes* na terra, uma maneira de resistência, o que de fato fez a diferença. As lavouras como café, palmeiras, frutas, cereais, hortaliças e outros contribuiu para a permanência na terra.

Antes de executarem a demarcação foram realizadas inúmeras reuniões estudos e para conhecerem a geografia da área, localizar nascentes, identificar previamente as condições do solo, tipos de lavouras que seriam importantes cultivarem, os materiais de cooperação agrícola do

Movimento e debates sobre como seria a demarcação da terra. Um grupo definiu por morar em sistemas de agrovilas. Uma alternativa para resolver problemas de estruturas físicas, como energia elétrica, água encanada, escola próxima das residências e facilidades para se reunirem para assembleias, estudos, festas e outros eventos comunitários.

Em 2002, foi criada a Associação dos Produtores Alternativa Agroflorestal em Assentamento de Reforma Agrária – APAARA, que contribuiria no processo organizativo e facilitaria a viabilidade de pequenos projetos como máquinas para beneficiamento de arroz e milho e a construção de algumas estruturas na área social.

Aos poucos, foram surgindo formas mais avançadas de organização e um grupo de dez famílias decidiram por trabalhar de forma mais sistêmica, resultando na formação de um grupo coletivo. Dessa forma, o Assentamento 14 de Agosto vem se mostrando uma alternativa para a produção, uma demonstração de que a reforma agrária é viável, tirando da marginalidade as pessoas que antes não tinham nenhuma perspectiva de conquistar uma vida digna.

Hoje as famílias estão bem instaladas, com casas de alvenaria, todos com energia elétrica, água encanada, transporte acessível, uma produção considerada importante para desenvolverem-se cada vez mais. A maioria dos adolescentes já concluíram o ensino médio e alguns já frequentam cursos de graduação. Sem dúvida nenhuma eles não teriam conquistado tudo isso, caso estivessem trabalhando em fazendas, entregando parte de sua produção ao patrão, sem garantia de permanência na terra.

Muitas famílias continuam resistindo através das lutas sociais, e de práticas alternativas de produção e vivência, que se demonstra na organização de um grupo coletivo que vem trabalhando uma transição da agricultura convencional para a agricultura orgânica em um sistema agroecológico, cultivando e resgatando a cultura camponesa, protegendo e produzindo as sementes crioulas e vendendo seus produtos limpos de agrotóxicos e inseticidas diretamente à população em feiras e entrega direta aos consumidores, desviando assim das burocracias e explorações do mercado convencional.

A experiência em transição agroecológica do Grupo Coletivo “14 de Agosto”

Em janeiro de 2004 dez famílias que já trabalhavam em sistemas de mutirões e associações, coletivizaram as roças, as cozinhas e terras, de maneira que toda a produção passou a ser conjunta. Havia uma coordenação para discutirem as questões gerais e encaminhá-las, com definição de que não usariam uma gota de veneno, o que já era causa de vários problemas. A cozinha funcionava de segunda a sexta-feira e a cada semana uma equipe a assumia, desde o café da manhã até o jantar, além dos cuidados com as crianças pequenas.

Estas medidas visavam liberar o máximo de mão de obra para o trabalho na lavoura. Desde sua consolidação a produção é marcada pelos princípios da cooperação agrícola do MST. As formas de cooperação foram avançando à medida da compreensão de cada um, chegando à conclusão de que sozinhos é mais difícil se garantir na terra, conseguir implementos para produzir e formas de comercialização que permitam desviar-se dos atravessadores, assim como, reinventar as práticas agrícolas.

São 180 hectares de terras coletivas, o que facilita a produção de barreiras contra agrotóxicos e estão organizados em reservas florestais, espaço da criação de animais, roças, horta e os espaços de estruturas como farinheira, despoldadora de frutas, cozinha coletiva, campo de futebol e outros.

Iniciaram mantendo as roças existentes na época, plantios de frutas tropicais, palmeiras, café, bananas, entre outras, antes individuais. Conseguiram uma pequena farinheira e passaram a produzir farinha para o mercado local, naquele período, um bom negócio, embora, chegassem os

problemas decorrentes da monocultura, o que implicou em uma reorganicidade baseada nos princípios da agricultura camponesa, plantar tudo o que era possível para garantir a sobrevivência.

Alguns sonhavam em organizar um espaço socioambiental, onde fosse possível desenvolver uma agricultura alternativa, a necessidade de um retorno a agricultura camponesa também era uma necessidade concreta, e assim, foi se mesclando a produção com práticas agroecológicas.

Mantiveram as capoeiras, que hoje compõem a parte de floresta e felizmente é uma considerável reserva ambiental, são mais de 45 hectares de reflorestamento onde se pode encontrar uma diversidade de plantas nativas e outras que foram enriquecendo a floresta, assim como, uma diversidade de animais e pássaros, que encontram ali um espaço de refúgio e fonte de água e alimentos.

Por ser um assentamento próximo ao mercado, iniciou-se uma experiência com hortaliças e todo um processo de aprendizagem para produção orgânica. Surgiram inúmeros desafios, desde a falta de estrutura física, problemas com o solo, considerado o PH baixo devido à falta de calcário e por passar por anos sob efeito das pastagens, até a falta de conhecimento sobre como produzir de forma natural.

Foram muitas perdas, erros e acertos, e hoje se pode considerar que aprenderam muito sobre a produção de orgânicos, e embora se deparem com algum problema, geralmente a solução está no próprio lugar, se resolvendo com um composto orgânico, rotação de culturas, com a utilização de espécies olerícolas para adubação verde. Atualmente há uma diversidade de plantas como guandu, mucuna, feijão de porco, leucenia, enfim, há uma habilidade que aumenta com o convívio cotidiano.

O mesmo acontece com o cuidado com os animais. Há pessoas do grupo que se dedicam a pesquisar sobre homeopatia animal, produção de minerais produzidos a partir de componentes naturais encontrados também no campo.

Atualmente comercializam seus produtos entre a vizinhança, em feiras no município de Jaru e atendem a um grupo de consumidores que recebem os produtos semanalmente no município de Ariquemes. Além de consumidores são pessoas que apoiam a reforma agrária e contribuem, conhecem o assentamento e o processo produtivo e dessa forma certificam e divulgam a experiência por conhecerem os riscos dos produtos convencionais, e assim, não só consomem como contribuem com fortalecimento da agricultura camponesa.

Sobre as relações culturais, educativas e formativas que perpassam pela agroecologia

Tendo em vista que a agroecologia é mais que uma técnica de produção, podemos concluir que no grupo coletivo “14 de Agosto”, estão presentes elementos fundamentais ligados aos valores culturais, éticos, políticos e sociais. Neste sentido a juventude, os adolescentes e as crianças têm um papel fundamental, ajudam a discutir os problemas relacionados ao grupo, contribuem quando podem nas diversas frentes de trabalho, principalmente na horta e farinheira.

Possuem uma organização própria relacionada à cultura, denominado grupo de cultura “Arte e Terra”, onde fazem estudos, realizam teatros que tratam temas importantes ligados ao meio ambiente, importância das sementes crioulas dentre outros. Praticam capoeira, violão, teatro, resgatam algumas atividades como bordados manuais, brincadeiras e cantigas que aprendem com as avós principalmente. Estudam e participam de encontros dos movimentos sociais e estão inseridos em instâncias regionais, estaduais e nacionais.

Em meio à tanta “modernidade”, defendem o modo de vida que levam, gostam de viver juntos, fazem as refeições diariamente no mesmo espaço, trabalham em equipes. Pode-se observar

que não estão insatisfeitos, não dependem de muitas tecnologias para serem felizes, não estão ligados ao modismo atual. Antes fazem críticas ao sistema capitalista que induz ao consumo exagerado, aos meios de comunicação de massa que influenciam mal, principalmente a juventude e compreendem que os jovens que saem do campo estão infelizes, drogados muitas vezes sem estudo e sem trabalho.

Nasceram e cresceram neste ambiente, estudaram na escola do assentamento, o que de certa forma os manteve em contato com a mística do movimento que envolve a solidariedade, a arte, o trabalho cooperado, o gosto pelo estudo, o respeito ao ser humano. Com certeza, pode-se dizer que são pessoas que adquiriram novos valores por vivenciarem esta experiência.

De maneira geral, enquanto se experimenta a coletividade dentro do sistema capitalista e a transição de um sistema convencional de produção para um sistema alternativo, todos aprendem muito. Romper com o individualismo, com os costumes próprios são sem dúvida nenhuma parte dos desafios encontrados.

Desafios e perspectivas do Grupo coletivo “14 de Agosto”

A experiência de produção agroecológica e a vivência coletiva deste grupo de famílias representam para as organizações do campo que compõem a Via Campesina², uma resistência fundamental ao regime político de acumulação de bens e riquezas, propõe alternativas importantes de distribuição de uso e convívio com a terra, produzindo alimentos saudáveis, sem exploração de mão de obra, propondo novas relações sociais, provando assim, que é possível se esquivar das influências da sociedade capitalista, todavia, esta é uma tarefa que exige esforço e disciplina político-ideológica, considerando a dinâmica do atual sistema político.

Avançar na complexidade agroecológica adquirindo práticas alternativas, produzir e armazenar as sementes, realizar o manejo ecológico dos solos, avançar na relação de comércio justo e solidário fazendo com que os produtos da agricultura camponesa possam chegar cada vez mais aos trabalhadores e trabalhadoras, fazem parte também dos desafios encontrados.

Todas essas ações e experiências se constituem em elementos que contribuem para o fortalecimento da agricultura camponesa e sua territorialidade, se contrapondo ao avanço do território do agronegócio. Desta forma estes trabalhadores e trabalhadoras vem buscando garantir se na terra, produzindo alternativas de subsistência e reprodução do campesinato

Estas famílias bravamente desafiam o modelo convencional de agricultura, provando que é possível produzir comida de boa qualidade para se alimentarem e oferecê-la à população por preço justo, sem exploração de mão de obra e com menor impacto ambiental possível.

Hoje podemos dizer que o *Grupo Coletivo 14 de Agosto* têm visibilidades aos olhos da sociedade, porque produz comida com qualidade ambiental adequada; Das organizações sociais porque se constituem em um grupo de resistência ao capital agrário; Dos órgãos públicos porque se apresenta como um grupo capaz de se organizar e lutar por seus direitos. O próprio INCRA rompe com modelos históricos de demarcações de terras, como foi conquistado por esse grupo a demarcação coletiva das terras, de forma que esta passa a ser um bem de todos³.

Cabe agora a este grupo de famílias compreenderem a grandeza que conquistaram, e se organizarem para além do simplismo de não se situarem no território adquirido. Como um “Oasis” no deserto, o *Grupo Coletivo 14 de Agosto* vêm mostrando a possibilidade de um caminho

² Movimento Internacional de Camponeses.

³ As terras do grupo coletivo não tem divisões de lotes, porém, ainda não foi rompido com a burocracia do sistema de distribuição de terras no Brasil - CCU (contrato de concessão de uso).

socialmente justo, ambientalmente correto, culturalmente inclusivo, economicamente viável, ideologicamente ousado.

Referências Bibliográficas

BOFF, Leonardo. *A carta da terra: Uma Promessa*. Brasil. 2005.

CALDAS, N. V, *Estudo comparativo entre sistemas de certificação de produtos orgânicos nos contextos da agricultura familiar brasileira e espanhola*. Tese (Doutorado) Programa de Pós Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar. Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas-RS, 2011.

CAPORAL, Francisco Roberto - *Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade*. Francisco Roberto Caporal (org.), Gervásio Paulus, José Antônio Costabeber. Brasília (DF), 2009. 111 p.

Carta Política da terra – III ENA Encontro Nacional de Agroecologia – Juazeiro –BA, 16 a 19 de maio de 2014.

STEDILE, João Pedro. In: *Via Campesina Brasil, Soberania Alimentar, os Agrocombustíveis e a Soberania Energética*, Brasília – DF, Secretaria Operativa Via Campesina, 2007.

STEDILE, João Pedro. Globalizemos a luta a esperança e o conhecimento camponês, p.12 a 14 in: SOSA, Braulio Machín et al, *Revolução Agroecológica O Movimento de Camponês a Camponês da ANAP em Cuba*, Carrete serviços Editoriales, 2010.

GLOBO RURAL, *Vida e obra da agrônoma Ana Primavesi*, 2012.

GRUPO DE CIÊNCIA INDEPENDENTE. *Em defesa de um mundo sustentável sem transgênicos*. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro – *Dialética da Agroecologia*. / Luiz Carlos Pinheiro Machado e Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho – 1.ed.-

NORGAARD, Richard B. SIKOR Thomas O. *Metodología y practica de La agroecologia* –p. 31 a 183 in: ALTIERI, Miguel A. *Agroecologia- Bases científicas de uma agricultura sustentable* Editorial Nordan- Comunidade. Montevidel, 1999.

PEREIRA, Mônica Cox de Britto. *Revolução Verde*, p. 685 a 689 in: CALDART, Roseli Salet. (org.). *Dicionário da Educação do Campo*, Expressão Popular, Rio de Janeiro e São Paulo, 2012.

PRIMAVESI, Ana M. *Manejo Ecológico do Solo*, 9º Ed. SÃO Paulo:Editora Nobel, 1980, 549 p.

REVISTA Agrofloresta. *Projeto Recuperação Ambiental na Reforma Agrária*, ano 01 número 01 outubro de 2012.

REVISTA AGRICULTURAS: *Experiências em agroecologia-Leisa Brasil*. Abril de 2014 v.11, n. 1

SOSA, Braulio Machín et al, *Revolução Agroecológica O Movimento de Camponês a Camponês da ANAP em Cuba*, Carrete serviços Editoriales, 2010.

VENTURINI, Raquel Barg, UGON, Armand Fernando Queirós – *Agricultura Agroecológica orgânica em el Uruguai principales conceptos, situación actual y desafios* –Impreso em I.Rosgal S.A, 2007.

VIA CAMPESINA BRASIL, *Soberania Alimentar, os Agrocombustíveis e a Soberania Energética*, Brasília – DF, Secretaria Operativa Via Campesina, 2007.